

O LIVRO *UMA BREVE INTRODUÇÃO À FILOSOFIA* DE THOMAS NAGEL: POSSIBILIDADES DE USO NO ENSINO DE FILOSOFIA

VICENÇONI, Daniel Longhini¹
DIAS, José Francisco de Assis²

RESUMO

O objetivo deste capítulo é analisar o livro *Uma breve introdução à filosofia*, de Thomas Nagel, como uma obra relevante para o ensino de Filosofia, especialmente no Ensino Médio. Sua inovação está em apresentar temas filosóficos sem se prender ao cotejo de leituras, como é comum em livros didáticos. A pesquisa está ancorada no método bibliográfico, tendo como principal fonte a obra do filósofo estadunidense Thomas Nagel. Observa-se que o livro permite reflexões críticas sobre questões filosóficas e possibilita aos alunos uma melhor compreensão do mundo em que estão inseridos. Além disso, sua abordagem acessível favorece a assimilação dos temas tratados. Os resultados indicam que, no que se refere ao ensino de Filosofia, inovar é mais do que simplesmente adotar novas tecnologias; trata-se também de ampliar o horizonte de conhecimento dos estudantes.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia; Thomas Nagel; Ensino Médio.

ABSTRACT

The book *What Does It All Mean? A Very Short Introduction to Philosophy* by Thomas Nagel presents itself as a relevant work for the teaching of philosophy, particularly in high school. Its aim is to stimulate critical reflection on central

1 Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Realiza Estágio Pós-doutoral em Filosofia na UNIOESTE (PPGFIL), campus Toledo. daniel.longhini97@gmail.com

2 Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Urbaniana, Cidade do Vaticano, Roma, Itália (2008). Pós-doutor em Ciências Sociais, pela UNESP/ Marília. Atualmente é professor Associado "A" da UNIOESTE, no Campus de Toledo-PR. prof.dias.br@gmail.com

themes in the history of philosophy, making it a potential didactic tool for student development. The research is grounded in the bibliographic method, with the primary source being the writings of the American philosopher Thomas Nagel. It was observed that the book encourages critical reflections on philosophical questions and enables students to gain a better understanding of the world in which they live. Furthermore, the book's accessible approach facilitates comprehension of the topics discussed. The results indicate that the work can be an important reading for high school education.

Keywords: Teaching of Philosophy; Thomas Nagel; High School.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo do artigo é apresentar o livro *Uma breve introdução à filosofia*, do filósofo estadunidense, Thomas Nagel, como uma possível referência para ser utilizada no Ensino de Filosofia, especialmente para as turmas do Ensino Médio, das instituições públicas de ensino do país. Por ser uma obra que aborda assuntos filosóficos de uma forma não convencional, o livro pode ser utilizado para instigar o debate e sala de aula de forma inovadora.

Entendemos que inovação em sala de aula não se refere somente ao uso dos aparatos tecnológicos, como computadores, *datashows*, celulares e afins. A inovação no ensino pode se referir, também, a novas abordagens, sobre temáticas clássicas. Ou seja, é possível inovar utilizando livros, textos e excertos que contribuíam para a realização de um bom debate, especialmente, no caso do Ensino de Filosofia.

Thomas Nagel é conhecido por seus trabalhos relacionados à filosofia da mente e filosofia política e ética. Sua atuação profissional esteve ligada à Universidade de Nova Iorque. No que diz respeito a circulação de seu pensamento, deve-se ressaltar que ele ganhou maior repercussão após a publicação do artigo *What is it like to be a bat?*, publicado originalmente em 1974, na *Philosophical Review* (Nagel, 1974). O texto apresenta uma discussão pertinente sobre a questão da mente-corpo.

Além do seu artigo, as obras mais conhecidas de Thomas Nagel são *The view from Noewhere*, publicado originalmente em 1986 e que foi traduzido e publicado no Brasil pela editora Martins Fontes, com o título *Visão a partir de lugar nenhum*. Outro livro importante foi o *The last word*, de 1997, sendo que sua tradução e publicação no Brasil foi realizada pela Editora da UNESP, divulgando-o com o título de *A última palavra* (Nagel, 2004; 2001).

Outro texto de relevância publicado por Thomas Nagel é, justamente, sua obra de introdução à filosofia, com objetivo de ser um livro de divulgação científica. Sob o título de *Uma Introdução à filosofia*, o livro apresenta, de forma rápida, alguns conceitos e ideias da História da Filosofia. De certa forma, as discussões se concentram em temática como *consciência, mente, corpo-mente*, até mesmo o *existencialismo* (Nagel, 2011).

O livro *Uma breve introdução à filosofia*, é dividido em dez capítulos. Os capítulos foram organizados a fim de chamar a atenção dos leitores, com perguntas provocadoras e assuntos complexos, tratados, amiúde, com certa leveza.

Trata-se de uma obra que cumpre, de certa forma, seu objetivo de introduzir aos leitores discussões importantes da História da Filosofia. Por isso, seu uso no Ensino de Filosofia pode ser realizado como uma opção metodológica que, por mais que recorra aos métodos tradicionais, oferece também certa inovação pela forma como os assuntos do livro são abordados.

2 METODOLOGIA

A pesquisa se pautou nos pressupostos da pesquisa bibliográfica, recorrendo como fonte de análise a obra *Uma breve introdução à filosofia*, do filósofo estadunidense Thomas Nagel.

Para apresentar os resultados propostos, foi necessário demonstrar a importância da Filosofia enquanto disciplina escolar, para depois, analisar o livro de Thomas Nagel enquanto uma importante ferramenta didática para o Ensino de Filosofia, especialmente no âmbito do Ensino Médio.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Filosofia, enquanto disciplina escolar, historicamente, é alvo de disputas políticas e o resultado tem sido a sua marginalização do currículo escolar. Com as proposições do Novo Ensino Médio e o alinhamento para a formação de competências e habilidades, a Filosofia deixou de ser considerada uma disciplina obrigatória; sua carga horária foi reduzida; entretanto, sua importância, não.

É por meio da Filosofia que os estudantes são colocados em embates teóricos que possibilitam a reflexão de crítica acerca do mundo em que eles estão inseridos. Mais ainda, a Filosofia permite uma compreensão ampla de assuntos relacionados à ética, moral e da própria política. Trata-se, portanto, de uma disciplina com potencial formativo crítico, na qual, oferece aos alunos o contato com diferentes teorias que foram produzidas ao longo da História.

Além disso, é direito dos estudantes terem acesso ao conhecimento historicamente produzido e acumulado. Ou seja, o ensino de Filosofia é um dos meios de garantir aos alunos do Ensino Básico, o contato direto com produções filosóficas que forjaram a sociedade contemporânea.

Embora a importância do ensino de Filosofia esteja afirmada em sua potencialidade de formar sujeitos críticos, capazes de compreender a realidade na

qual estão inseridos, atualmente, no Brasil, a disciplina é alvo de disputas políticas e de um processo de marginalização.

Ao ser desconsiderada como elemento importante na formação dos estudantes, a Filosofia tem sofrido com a redução drástica de sua carga horária, especialmente após a Reforma do Novo Ensino Médio, por meio da Lei 13.415/17, que a colocou como uma disciplina obrigatória do currículo³.

Ainda assim, mesmo com a marginalização legal do Ensino de Filosofia, a sua importância enquanto disciplina é objetiva, uma vez que permite aos estudantes desenvolver a capacidade de reflexão crítica sobre o mundo que os cerca. Entretanto, para que as discussões sejam proveitosas em sala de aula, é necessário ir além das discussões estabelecidas nos livros didáticos (quando existem). E, é neste sentido, que a obra de Thomas Nagel se apresenta.

O livro *Uma breve introdução à filosofia*, de Thomas Nagel, foi publicado originalmente em 1987, com o título de *What does it all mean?*. Sua primeira tradução para o português foi lançada em 2001, pela Editora Martins Fontes. Não se trata de um manual de História da Filosofia. Pelo contrário, no livro, Thomas Nagel trabalha livremente com temas instigantes da filosofia, sem se deter aos contextos históricos. Conforme o autor descreve:

Não discutirei aqui os grandes tratados filosóficos do passado, nem o contexto cultural em que foram escritos. O cerne da filosofia reside em certas indagações que a reflexiva mente humana considera naturalmente intrigante, e a melhor forma de iniciar o estudo da filosofia é pensar sobre elas diretamente (Nagel, 2001, p. 2).

Em seus dez capítulos, Thomas Nagel apresenta problemas da filosofia, sem, necessariamente, buscar solucioná-los. Seu objetivo é permitir ao leitor, a possibilidade de entrar em contato com problemas filosófico, por meio de uma abordagem mais direta. Afinal, diferente de outros manuais de introdução à filosofia, a opção metodológica de Nagel não foi a de abordar a História da Filosofia.

Mesmo sem apresentar nominalmente os principais campos de estudos da filosofia, como ética, política, moral, existencialismo ou mesmo religião, o autor

³ Sobre isso, indicamos a leitura de: Barros (2021).

consegue chamar a atenção do leitor com reflexões pertinentes que, direta ou indiretamente, dialogam com os temas mencionados.

Este livro é uma breve introdução à filosofia para aqueles que não conhecem nada sobre o assunto. Geralmente, só se estuda filosofia quando se chega à faculdade, e por isso suponho que a maioria dos leitores deste livro ou estão em idade de cursar a faculdade ou são pessoas mais velhas. Mas isso nada tem a ver com a natureza do tema, e ficaria muito satisfeito se o livro despertasse o interesse também de alunos inteligentes do ensino médio que apreciam ideias abstratas e argumentos teóricos – se algum deles char a lê-lo (Nagel, 2011, p. 1).

A abordagem de Nagel para abordar temas existencialistas, por exemplo, é interessante. Ao discutir sobre a morte, o autor faz provocações que podem ser utilizadas em sala de aula, a fim de provocar discussões críticas. Conforme Nagel: “Devemos encarar a perspectiva da morte com terror, tristeza, indiferença ou alívio? Tudo depende, é claro, do que é a morte” (Nagel, 2011, p. 97).

O mesmo ocorre na sua discussão sobre filosofia da mente. Sem analisar as ideias de filósofos como Platão (428-347 a.C.), René Descartes (1596-1650) ou mesmo Baruch Spinoza (1632-1677), Thomas Nagel discorre sobre questões centrais de forma didática, especialmente no capítulo 2, intitulado *Como sabemos alguma coisa?* Para apresentar a discussão, o filósofo estadunidense recorre às máximas do *solipsismo*, do *dualismo* e do *materialismo (fiscalismo)*. Entre as provocações que podem ser utilizadas em sala de aula, destacamos:

Se você pensar bem, verá que o interior da sua mente é a única coisa da qual pode ter certeza. Qualquer coisa em que você acredita – seja a respeito do Sol, da Lua, das estrelas, da casa e da vizinhança em que você vive [...] está baseada em suas experiências e pensamentos (Nagel, 2011, p. 7)

Mas será que todas as nossas experiências não poderiam ser um sonho gigante, sem *nenhum* mundo fora dele? Como você pode saber que não é assim? (Nagel, 2011, p. 9).

Se uma crença no mundo fora de nossas mentes apresenta a nós de maneira tão natural, talvez não necessitemos de razões para sustenta-la. Podemos simplesmente aceitá-la e esperar que estejamos certos (Nagel, 2011, p. 17)

As questões levantadas por Thomas Nagel não são seguidas de respostas ou mesmo hipóteses de filósofos. Pelo contrário, todas as suas elocubrações foram escritas com objetivo de permitir a reflexão; de despertar a curiosidade nos estudantes que estão no início de seus estudos em Filosofia.

O professor, ao ensinar Filosofia, especialmente no Ensino Médio, pode recorrer aos diversos recursos metodológicos, sejam os filmes, músicas, documentários, fontes originais e até mesmo o tradicional uso do quadro. O que não se pode perder de vista é a formação críticas dos estudantes.

Afinal, o Ensino de Filosofia deve permitir aos estudantes a reflexão sobre diversas temáticas, mas, também, pode contribuir para que eles entendam que o mundo não pode ser mensurado sobre métricas utilitaristas, tão imediatistas. Pelo contrário, é mister problematizar as condições objetivas do mundo que, em grande medida, direcionam as comunidades para um produtivismo sem preocupações com a dignidade humana.

A Filosofia não pode ser medida sob a ótica da “útil”, “imediato”, mas, sim, como um campo de estudo que, objetivamente é a base teórica das ciências e sem a Filosofia, a existência das ciências seria impossível (Chauí, 2010). A possibilidade de refletir sobre o mundo de forma crítica pode ser alcançada por meio do Ensino de Filosofia.

E, justamente, para pensar sobre a dignidade humana, Nagel, no capítulo 8, denominado *Justiça*, explora questões importantes que podem ser abordadas em sala de aula. “É injusto que algumas pessoas nasçam ricas e outras pobres? Se é injusto, deveríamos fazer alguma coisa quanto a isso?” (Nagel, 2011, p. 81). Afinal, a desigualdade social é um tema caro no estudo da Filosofia e que pode ser abordado no Ensino de Filosofia Moderna.

John Locke (1632-1704), filósofo inglês, é comumente estudado no contexto da filosofia moderna, especialmente entre os pensadores do iluminismo. Em sua obra, *Segundo tratado sobre o governo civil e outros ensaios*, está presente a defesa da propriedade privada enquanto resultado das liberdades individuais e, também, como promotora do trabalho individual e geradora da riquezas (Locke, 2021).

No mesmo sentido, nas aulas de Filosofia, o economista escocês, Adam Smith (1723-1790) é estudado quando se discute as transformações sociais advindas da Revolução Industrial, uma vez que ele foi um crítico do modelo econômico mercantil. Em sua obra *A riqueza das nações*, é apontado que a divisão do trabalho é um fator determinante na produtividade das indústrias e, portanto,

na produção de riquezas. Ainda assim, mesmo que gere riqueza, a divisão do trabalho também diferencia os salários de acordo com as habilidades de cada trabalhador (Smith, 1996).

São dois autores, contemporâneos, que discutem a questão da riqueza e ambos apontam na propriedade privada como um dos fundamentos para a manutenção das sociedades nas quais estavam inseridos. Nesse sentido, as desigualdades, resultantes da própria aquisição da propriedade privada são dadas como naturais.

Ainda sobre o mesmo período histórico, o filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) é introduzido e apresentado como antagonista direto de John Locke, como se a Filosofia fosse resultado somente de dicotomias entre assuntos econômicos e políticos.

Jean-Jacques Rousseau apresenta, em seu livro *Discurso sobre a Origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, que no estado de natureza os seres humanos eram livres e sem desigualdades, mas que, por meio da propriedade privada e das instituições sociais, as sociedades modernas se tornaram desiguais (Rousseau, 1999).

É possível trabalhar, em sala de aula, as perspectivas filosóficas de John Locke e Jean-Jacques Rousseau como opositoras. Seja por meio da problematização do papel da propriedade privada nas sociedades modernas, especialmente no contexto da Filosofia Moderna. Ainda assim, propomos, também, que o tema possa ser abordado por meio de excertos que instiguem o debate inicial, para que, depois, o professor apresente as ideias dos filósofos mencionados. É nesse cenário que a possibilidade do uso do livro de Thomas Nagel pode contribuir para criar novas dinâmicas em sala de aula:

A sorte de ter um talento natural e, ao mesmo tempo, de pertencer a uma certa família ou classe é um importante fator para determinar os rendimentos e a posição social de alguém numa sociedade competitiva. Oportunidades iguais geram resultados desiguais (Nagel, 2011, p. 83).

O excerto acima permite ao professor que aborde a temática da propriedade privada e da justiça, com uma problematização atual. Por meio da leitura e do debate, torna-se mais fácil apresentar uma discussão voltada à história da filosofia, em especial, à análise dos filósofos como Adam Smith, John Locke ou Jean-Jacques Rousseau.

Ética e Moral são umas das outras temáticas importantes que são abordadas em sala de aula. O capítulo 7, *Certo ou errado*, oferece algumas provocações.

Considera-se, geralmente, que a moral é universal. Se algo é errado, supõe-se que seja errado para todos; por exemplo, se é errado matar alguém para roubar-lhe a carteira, então é errado mesmo que o ladrão se preocupe com a vítima ou não. Mas, se o fato de algo ser errado deveria ser uma razão para não o fazer e se suas razões para fazer as coisas dependem de seus motivos, e os motivos das pessoas podem variar muito, parece então que não haverá um único certo e errado para todo o mundo (Nagel, 2011, p. 74).

O excerto do livro de Nagel possibilita que o docente explore variadas temáticas no campo da ética ou moral. Seja a ética kantiana que “leva-nos a reconhecer que temos determinados deveres morais *categoricamente*, ou seja, que há deveres que se nos impõem sejam quais foram nossos desejos ou preferências” (Galvão, 2012, p.162). Ou mesmo sobre os aspectos principais do campo da ética: “[...] o relativo ao fundamento e ao valor dos códigos [...] trata-se do *problema crítico*. O outro diz respeito às condições que possibilitam a ação moral em absoluto [...] *Este é o problema teórico*” (Mondin, 1980, p. 106).

O uso ou não de recursos externos (além do livro didático) é uma opção teórica do professor – que deve ser respeitada. O que se propõe aqui é apresentar possibilidades de uso do livro de Nagel para o Ensino de Filosofia, sobretudo nas aulas de Ensino Médio. Inclusive, não se trata de uma apologia à obra, afinal, ela possui suas limitações, justamente por não apresentar filósofos ou escolas filosóficas como referência em seus capítulos.

De toda forma, o livro, utilizado didaticamente por um professor, pode permitir bons debates em sala de aula. A questão não é utilizá-lo sempre, como fosse um manual didático. Pelo contrário, é saber que, se necessário, de acordo com a temática da aula, o seu uso pode ser considerado um ponto de partida para as reflexões escolares.

É na aula de filosofia que surge o *movimento de provocação*. Provoca-se o surgimento do pensamento original; busca-se a compreensão do mundo; provoca-se a imaginação do que é e do que poderia vir a ser. O professor é o

responsável pelo nascimento desse espaço, onde a *provocação* ganha sentido (Aspis, 2004).

A inovação na aula de Filosofia não pode residir somente na aceitação e submissão aos novos recursos tecnológicos – que são importantes – nas práticas docentes. Inovar no ensino de Filosofia é permitir que o estudante consiga escapar de sua realidade, mesmo que os contextos econômicos e educativos não favoreçam a formação crítica.

Portanto, não pretendemos, aqui, discutir inovação numa perspectiva tecnicista, mas, sim, no sentido de que inovar é permitir que o estudante se renove enquanto ser humano. “As aulas de filosofia são desestabilizantes pois assim é a filosofia: assim que acaba de encontrar-se, perde-se de novo, deliberadamente. Essas aulas têm vocação para serem emocionantes, não são apenas cerebrais” (Aspis, 2004, p. 316).

A provocação é sempre inovadora, pois permite ao sujeito (re)pensar sua realidade. Inova, pois o tira da zona de conforto. Ampliar os horizontes de possibilidades reflexivas dos estudantes é o caminho para que o Ensino de Filosofia resista, mesmo quando negam sua importância.

Por isso, ao indicar *Uma breve introdução à filosofia* como recurso didático para ser utilizado no Ensino de Filosofia, principalmente no Ensino Médio, entendemos que as indagações presentes na obra podem contribuir com a criação de debates pertinentes, sem perder de vista o conteúdo programático, prescrito legalmente.

Cabe ao professor reconhecer os limites e possibilidades em suas aulas de filosofia. Nem sempre a utilização de determinados recursos didáticos potencializará boas reflexões. Por isso, é importante considerar que não existe uma regra única no ato de ensinar. O importante é sempre inovar: possibilitar ao estudante a reflexão sobre o mundo que o cerca, para que, assim, a sua percepção sobre o *eu* e o *outro* seja ampliada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu avaliar a obra *Uma breve introdução à filosofia*, de Thomas Nagel como um possível livro para ser utilizado nas aulas de Filosofia no Ensino Médio. Por se tratar de uma obra introdutória, a sua linguagem é acessível, o que garante, aos estudantes, fácil compreensão.

As provocações e reflexões de Thomas Nagel no decorrer de sua obra podem ser utilizadas para instigar a curiosidade dos estudantes e para promover debates sobre temas filosóficos. Possibilitar aos alunos uma formação crítica e reflexiva é o papel da Filosofia, e por isso, a Filosofia, seja enquanto disciplina escolar ou como campo de conhecimento, deve ser defendida.

Dessa forma, o livro *Uma breve introdução à filosofia* pode permitir aos professores de Filosofia do Ensino Médio a problematização de temáticas da História da Filosofia de maneira didática e crítica, contribuindo para o desenvolvimento das aulas ao longo do ano letivo.

REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata Pereira Lima. O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica. **Cad. Cedes**. Campinas, v. 24, n. 64, p. 305-320, set./dez. 2004.

BARROS, Rafael de. Uma análise da Lei 13.415/17: o novo Ensino Médio e o lugar da Filosofia no Currículo. **Revista Digital de Ensino de Filosofia - REFilo**, [S. l.], v. 7, p.1-22, 2021.

CHAUÍ, Marilene. **Boas-vindas à filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GALVÃO, Pedro. Ética. In: Galvão, Pedro. **Filosofia**: uma introdução por disciplinas. Lisboa: Edições 70, 2012, p.143-174

LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo civil**: ensaio sobre a origem, os limites e os fins verdadeiros do governo civil. Petrópolis: Vozes, 1994.

MONDIN, Battista. **Introdução à filosofia**: problemas, sistemas, autores, obras. São Paulo: Paulus, 1980.

NAGEL, Thomas. **A última palavra**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

NAGEL, Thomas. **Uma breve introdução à filosofia**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

NAGEL, Thomas. **Visão a partir de lugar nenhum.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NAGEL, Thomas. What is it like to be a bat? **The Philosophical Review**, [s.l.], v. 83, n. 4, oct. 1974, p. 435-450.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações.** Investigação sobre sua natureza e suas causas. Vol I. São Paulo: Nova Cultura, 1996